

VIA TEOLÓGICA

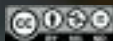
Volume 24 – Número 47 – jun. / 2023

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

O LAVA-PÉS E A PASSAGEM CRISTOLÓGICA DE FILIPENSES 2: UM PARALELO

*Esp. Eziongeber Vieira de Lima
Dr. Claiton André Kunz*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

O LAVA-PÉS E A PASSAGEM CRISTO- LÓGICA DE FILIPENSES 2: UM PARALELO

Footwashing and the Christological passage of Philipians 2: A
parallel

*Esp. Eziongeber Vieira de Lima¹
Dr. Claiton André Kunz²*

-
- 1 Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste, mestre em Teologia e especialista em Mundo Judaico e Helênico, Língua, Cultura e Religião pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, graduado em Administração de Empresas e especialista em Gestão de Pessoas pela Universidade de Pernambuco. Professor da Faculdade Cidade Teológica Pentecostal. E-mail: geberlima@yahoo.com.br
 - 2 Graduado em Teologia e Filosofia, mestre e doutor em Teologia pela EST e pós-doutorando em Teologia pela PUCPR, sob orientação do Dr. Vicente Artuso. Professor da Faculdade Batista Pioneira, das Faculdades Batista do Paraná e da Carolina University/EUA. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9550-4627>. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

RESUMO

A passagem joanina do lava-pés (Jo 13.1-17) é muito conhecida e difundida em razão do ensinamento de Jesus como líder servo, exemplo este que não é apenas verbalizado, mas vivido por meio da ação de Jesus ao lavar os pés dos seus discípulos. Entretanto, quando analisamos a narrativa como uma ação parabólica, surge uma mensagem ainda mais vigorosa e de escopo claramente teológico, mais especificamente cristológico e soteriológico. A partir dessa ampliação do campo semântico, é possível comparar o lava-pés joanino com uma das mais conhecidas passagens cristológicas: a de Filipenses 2.6-11. A comparação nos revelará paralelos bem claros e se expande ainda à questão do Exemplo estabelecido por Jesus, e do desafio à Imitação (*mimesis*) de Paulo, em Filipenses 3.

Palavras-chave: Lava-pés. Ação parabólica. Simbolismo. Quarto Evangelho. Cristologia.

ABSTRACT

The Johannine passage of the Footwashing (Jn 13.1-17) is well known and widespread due to the teaching of Jesus as a servant leader, an example that is not only verbalized, but lived through the action of Jesus in washing the feet of his disciples. However, when we analyze the narrative as a parabolic action, an even more vigorous message emerges, with a clearly theological scope, more specifically Christological and Soteriological. Based on this expansion of the semantic field, it is possible to compare the Johannine footwashing with one of the best-known Pauline Christological passages Fp 2.6-11. The comparison will reveal very clear parallels, and it expands even to the question of the Example set by Jesus, and the challenge to the Imitation (*mimesis*) of Paul, in Fp 3.

Keywords: Footwashing. Parabolic Action. Symbolism. Fourth Gospel. Christology.

INTRODUÇÃO

É comum na interpretação da passagem do lava-pés (Jo 13.1-17) serem enfocados os aspectos éticos e a significância enfatizada nas próprias palavras de Jesus: “Eu vos dei o exemplo, para que façais o mesmo” (v. 15). Com certeza a ação precisa ser interpretada como ὑπόδειγμα (*hypodeigma*, exemplo) até porque a passagem nos traz tal informação. Entretanto, a narrativa contém significados ainda mais profundos.

Dodd observa que a ação de Jesus, tratada como exemplo por seus seguidores, carrega o peso da ênfase mais do que as palavras nas quais o exemplo é aplicado (DODD, 1965). O lava-pés ou *pedilavium* é entendido, por muitos estudiosos, como uma das passagens sacramentais do Quarto Evangelho. O mandamento de se perder na autodoação amorosa até a morte, na imitação do ὑπόδειγμα (*hypodeigma*, exemplo) de Jesus tem sido ritualizada no batismo (MOLONEY, 1998).

A interpretação da passagem sem o devido cuidado pode levar a uma interpretação que é apenas parte do que o texto sagrado quer transmitir, como esta: “O lava-pés significa aceitação, hospitalidade, acolhida fraterna, como o explicará Jesus (13.20). O amor fraterno expressa-se em acolhida, e esta, por sua vez, em serviço” (MATEOS, 1989, p. 564). Embora seja verdadeira a afirmação, há muito mais a ser aprendido no lava-pés!

1. O LAVA-PÉS E O SIMBOLISMO DO QUARTO EVANGELHO

A forma como se interpreta o texto depende da maneira como é abordado, e a maneira como é abordado depende da natureza do texto. A natureza do texto é indicada pelo gênero do mesmo, isto é, a que espécie de literatura pertence esse texto

(VANHOOZER, 2010). Portanto, é importante levar em conta as especificidades da passagem joanina em questão para que se possa interpretá-la corretamente.

O evangelho de João é carregado de simbolismo. Há simbolismo na forma de uma única grande imagem, e o mais superficial leitor do Evangelho está ciente das grandes imagens *cristológicas* que formam essa característica marcante do livro. Jesus é o pão da vida, a luz do mundo, o bom pastor... É importante frisar que o uso dessas imagens está a serviço da Cristologia (BARRETT, 1982). Portanto, a interpretação do lava-pés precisa considerar o contexto de um evangelho que apresenta uma natureza de grande simbolismo, e carregado de uma mensagem *cristológica*, cuja mais importante tarefa é dar razão à confissão “Jesus é Deus”!

1.1 SIMBOLISMO NO QUARTO EVANGELHO

O uso explícito do simbolismo é uma característica óbvia deste evangelho (DODD, 2003). O simbolismo no Evangelho de João está centrado em Jesus, a pessoa na qual Deus é revelado. As imagens nos discursos de Jesus e *nas ações* que ele performa fazem conhecido quem ele é, e ele faz conhecido quem Deus é (KOESTER, 1995). A interpretação dos simbolismos do Quarto Evangelho precisa ocorrer dentro desta moldura apropriada de referência.

Juan Leal classifica cinco tipos de simbolismos em João: (1) simbolismo alegórico, (2) simbolismo nominal, (3) simbolismo bíblico, (4) *simbolismo em ação* e (5) simbolismo histórico (LEAL, 1960).

1.2 O LAVA-PÉS COMO AÇÃO PARABÓLICA

Koester (1995) estudou a fundo o simbolismo no Evangelho de João, seus significados e mistérios! Segundo esse autor, a

narrativa joanina do ministério de Jesus é estruturada em torno de uma série de ações simbólicas. As mais importantes são os sete sinais (σημεία, *semeia*), os quais são indicados no texto joanino como tais (o vocábulo aparecer 17 vezes em João). O termo parece ser muito apropriado para os milagres, pois eles não são um fim em si mesmo, mas indicam algo. Além dos sinais, encontram-se várias *ações simbólicas* não miraculosas, mas que também revelam facetas da identidade de Jesus.

Koester vai classificar como *ações simbólicas* no Quarto Evangelho: a transformação da água em vinho, a limpeza do Templo, as curas, a multiplicação dos pães, a cura do cego, a ressurreição de Lázaro, Maria lavando os pés de Jesus, o lava-pés e a pesca milagrosa. Bultmann (1971) classifica o lava-pés como um *ato simbólico*. Beutler (2016, p. 328) chama de “*gestos-sinais proféticos*”, destacando que as palavras permanecem sempre aquém da imagem!

70

Dodd (2003, p. 517) classifica o lava-pés como “uma ação significativa (semeion) [um sinal] à maneira joanina. O simbolismo é complexo. Indícios não nos faltam”. Vawter (1978, p. 451) segue Dodd confirmando ser um “sinal”, no sentido joanino da palavra e afirma que Jesus performa uma “parábola em ação” pela qual ele resume a significância de sua vida inteira de dedicação.

Para Schneiders (1981, p. 81), trata-se de “*uma ação profética*”, e esclarece o que entende por tal designação: “Por ‘*ação profética*’ quero dizer uma ação que é apresentada como divinamente inspirada, reveladora em conteúdo, antecipatória em estrutura, simbólica em forma e pedagógica em intenção”. A definição de Schneiders é bastante útil e, embora não necessariamente cada estudioso tivesse em mente a mesma ideia, é comum a todos o entendimento do simbolismo da ação chamada de “simbolismo em ação”, “ação ou ato simbólico”, “ação ou gesto-sinal profético”, “parábola em ação”, ou “ação significativa simbólica”.

Jeremias (1986), estudioso do mundo simbólico das parábolas propôs a nomenclatura de “ações parabólicas” para as ocasiões, como o lava-pés, em que Jesus não fala em parábolas, mas age! Para ele, “as ações parabólicas de Jesus são pregação, através das quais Jesus não somente fala, mas as vive e corporifica em si mesmo” (JEREMIAS, 1986, p. 226, 228).

Kunz (2018, p. 48-49) também analisa o lava-pés como ação parabólica e encontra todos os aspectos característicos desta forma literária, qual seja:

- a) Estilo: a ação parabólica apresenta, via de regra, uma mescla de narrativa e diálogo. Há sempre um relato inicial, apresentando a situação e, em seguida, uma interação entre os personagens... narrativa (13.1-6a, 12a); diálogo (13.6b-11,12b);
- b) Pessoa gramatical: na parte narrativa, em apenas 12 versículos aparece 13 vezes o pronome pessoal de terceira pessoa autos e 27 vezes os verbos estão em terceira pessoa. Já no diálogo, os pronomes de primeira e segunda pessoa aparecem 11 vezes e 10 vezes os verbos estão em primeira e segunda pessoa.
- c) Tempo verbal: na parte narrativa chama a atenção a quantidade de verbos no tempo aoristo, são 16 ocorrências deste tempo verbal.
- d) Tipos de frase: parece ser característico das ações parabólicas uma pergunta retórica: Compreendeis o que vos fiz? (13.12).
- e) Semântica: podemos perceber a presença de verbos que denotam movimento, especialmente na parte narrativa, como por exemplo ἐρχομαι ou derivados (13.1,6). A conjunção καὶ também é muito frequente (12 vezes no relato do Lava-pés).
- f) Metaníveis: Há um outro significado no texto. Perguntas como “Compreendeis o que vos fiz?” (13.12) são indicadores da existência de metaníveis.

Ressalta-se que a primeira característica descrita como de Estilo também é destacada por Dodd (2003) ao chamar a aten-

ção para a sua interpretação simbólica: A narrativa serve principalmente como arcabouço para uma série de discursos... os discursos anexos estão tão relacionados com as narrativas, como se indicassem que *estas devem ser entendidas simbolicamente* (DODD, 2003, p. 182, grifo nosso).

2. O SIGNIFICADO DO LAVA-PÉS

A busca do significado sugerido nos metaníveis é a tarefa desta pesquisa: Quais os significados possíveis da ação parabólica do lava-pés? Para encontrar o significado da ação, Kunz (2018) elenca uma série de critérios que precisam ser levados em conta, entre os quais: Contexto, Fundo Cultural, Exegese, Significado de Símbolos e Teologia Bíblica.

2.1 APROFUNDAMENTO DO LOGOS QUE SE FEZ CARNE: CRISTOLOGIA E SOTERIOLOGIA

72

Considerando o contexto mais imediato, pode-se afirmar que no capítulo anterior do Evangelho de João, quando outro lava-pés é apresentado, estamos diante de um registro que pode ser um indício valioso na busca do significado: a unção de Jesus por Maria (Jo 12.1-8).

Koester (1995) observa que o fim do ministério público de Jesus e o começo de sua paixão são marcados por duas ações simbólicas no contexto de sua ceia com seus seguidores *durante a última semana antes da Páscoa* (Jo 12.1-2; 13.1-2). Durante o jantar em Betânia, *Maria, irmã de Lázaro ungiu os pés de Jesus com caro unguento e os enxugou com seus cabelos. Durante a última ceia, Jesus lavou os pés dos seus discípulos.* Essas ações, as quais guardam similaridade entre si, aparecem juntas no centro da narrativa e direcionam a forma de os leitores refletirem sobre o significado da obra e da morte de Jesus (KOESTER, 1995).

O sentido da ação realizada por Maria vai apresentar total mudança no quadro de referência após o comentário de Jesus: “Deixa-a em paz; pois ela o guardou para o dia da preparação do meu corpo para o sepultamento. Pois sempre tendes os pobres convosco, mas a mim nem sempre tereis” (Jo 12.7-8).

Em um sentido, o presente do unguento foi uma resposta apropriada ao dom da vida que Jesus tinha restituído ressuscitando Lázaro da morte; mas num sentido mais profundo, o derramamento do perfume foi uma resposta antecipada ao presente consumado em Jesus, que deu a sua própria vida. A auto-doação extravagante das ações de Maria aponta para a maneira que Jesus gastaria a si mesmo completamente, por meio de sua crucificação (KOESTER, 1995).

Levando em conta esses importantes indícios, que são sinais que “gritam” ao leitor indicando a morte do Senhor como pano de fundo da narrativa, passa-se a analisar a passagem do lava-pés. A narrativa é introduzida da seguinte forma:

Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que havia chegado sua hora de passar deste mundo para o Pai, e tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. Enquanto jantavam, o Diabo já havia posto no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, que traísse Jesus. Sabendo que o Pai lhe entregara tudo nas mãos e que viera de Deus, e para Deus estava voltando... (Jo 13.1-3).

Carson (2017) chama a atenção acerca das palavras de abertura “*um pouco antes da festa da Páscoa*” (13.1). Do ponto de vista teológico, a frase alerta os leitores para o tema da Páscoa desenvolvido por todo o livro, convidando-os a ver o ato do lava-pés como uma antecipação do próprio ato de Páscoa, feito por Jesus em forma de ápice, como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Sabendo Jesus que havia chegado sua hora... É característico no evangelho de João a expressão αὐτοῦ ἡ ὥρα, a hora, sua

hora, que aponta para o momento em que Cristo será “glorificado”, “levantado”, e sua obra será concluída. Essa expressão corre o evangelho como refrão (DODD, 1965). Então tem-se mais um indício importante para a interpretação da passagem, que precisa ser entendida no âmbito da ação de glorificação de Jesus, que aponta para sua crucificação (cf. 12.32).

A consciência de que a sua hora havia chegado é seguida de “*tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim*”. Esta passagem indica ambos, o tempo quando este amor seria mostrado e a qualidade de seu amor, registrada numa expressão com dois significados: até o fim εις τέλος (*eis telos*); Jesus amou-os até o fim de sua vida, e ele os amou de uma maneira que ultrapassa todo o amor imaginável (3.16) (MOLONEY, 1998).

O parágrafo introdutório dos versos 1-4 contém um contraste extraordinário entre a dignidade exaltada de Jesus e os abismos de humildade ao qual ele se abaixou. *Ele tinha vindo de Deus e estava indo para Deus, e o Pai deu-lhe todas as coisas, completa autoridade...* (BEASLEY-MURRAY, 1989). Esse trecho é comentado por Beasley-Murray (1999, p. 232), citando R. H. Strachan: “João faz uso dessa *massa de proposições teológicas* para trazer à tona a grande verdade que esta divina auto-consciência de Jesus... manifestou-se não em uma soberana exibição de onipotência, mas em um surpreendente ato de auto-humilhação descritos nos versículos 4-5”.

Jesus levantou-se da mesa, tirou o manto, pegou uma toalha e colocou-a em volta da cintura. Em seguida, colocou água em uma bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha que trazia em volta da cintura (13.4-5). É sabido que tal ação não competia a um mestre. Lavar os pés de alguém se tratava de um trabalho servil. A pessoa que o fazia seria um escravo, alguém (à época) destituído de direitos. Um mestre, ao se despir e lavar os pés dos seus discípulos, estava humilhando-se aos olhos de todos, algo um tanto escandaloso!

Jesus derrama água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos. Konings (2005) chama a atenção de que dos versículos 5-14 ocorre 8 vezes o verbo *nipstein*, “lavar”, num total de 13 vezes do NT. Portanto, a ação de lavar carrega um significado especial, que será em breve desenvolvido.

Brown (2020) afirma magistralmente que a chave para o simbolismo do lava-pés está na conversação entre Jesus e Pedro:

Aproximando-se de Simão Pedro, este lhe disse: Senhor, tu lavarás os meus pés? Jesus lhe respondeu: Agora não compreendes o que eu faço, mas depois entenderás. Respondeu-lhe Pedro: Nunca lavarás meus pés. Disse-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não terás parte comigo. Então Simão Pedro lhe disse: Senhor, não laves somente os pés, mas também as mãos e a cabeça. Jesus lhe respondeu: Quem já se banhou precisa lavar apenas os pés, pois no mais está todo limpo. Vós estais limpos, mas nem todos (13.6-10).

A primeira implicação está no v. 7: “*Agora não entendes o que eu faço, mas depois entenderás*”. Jesus está fazendo mais do que ministrar uma lição de humildade cujas implicações teológicas só seriam entendidas depois que chegar “a hora” (cf. 2.22; 12.16). O v. 8 tem uma implicação de significado ainda mais profunda: o lava-pés é tão importante que sem ele o discípulo perde sua herança com Jesus. Na condicional “*se eu não te lavar*” está envolvida uma ação salvífica de Jesus, não simplesmente um exemplo a ser imitado. Essa ênfase é inteligível se entendermos o lava-pés como símbolo da morte salvífica de Jesus (BROWN, 2020). Barrett (1958) segue esse mesmo entendimento afirmando que a limpeza dos pés dos discípulos representa a limpeza dos seus pecados por meio do sangue sacrificial de Cristo.

Passa a fazer mais sentido a objeção de Pedro quando se entende o que está por trás do ato simbólico do lava-pés. Em seu comentário, Bultmann (1971) analisa que Pedro não entende que Jesus se humilha para servir aos seus. E o quanto isso vai contra o instinto do homem natural é demonstrado por sua resistência

repetida e cada vez mais veemente. Naturalmente, não se pode interpretar a resistência de Pedro psicologicamente, mas como a constatação de um fato: o homem natural simplesmente não quer esse tipo de serviço. Por que não? O serviço em questão não é qualquer ato de gentileza – por que isso não deveria ser aceitável ao homem natural? –, trata-se de um serviço que é prestado pelo Filho de Deus encarnado! E mesmo que o homem possa rejeitá-lo por orgulho, as palavras de Pedro não expressam esse tipo de orgulho, mas sim o pensamento básico do homem, *a recusa em ver o ato da salvação no que é humilhante*, ou Deus na forma de um escravo (BULTMANN, 1971).

O diálogo com Pedro e sua objeção parece ser uma versão da resistência do mesmo Pedro, encontrada nos evangelhos de Mateus e Marcos, quando Jesus anuncia que haveria de sofrer e morrer. Nos sinóticos, a resistência de Pedro é atribuída a Satanás (Mt 16.21-23; Mc 8.31-33). Esse paralelo é percebido por Lindars (1981), Carson (2017) e também por Grossouw (1966), que ainda acrescenta que a recusa em ter seus pés lavados por Jesus, no sentido em que Jesus o fazia, seria o mesmo que recusar ter fé na crucificação de Jesus, seria uma fuga do *scandalum crucis*. Beutler (2016, p. 328) segue o mesmo raciocínio ao afirmar que “a interpretação nas palavras dirigidas a Pedro mostra que se trata de acolher a paixão de Cristo como seu mais próprio ato salvador. É o que acontece na fé”. Bruce (1987, p. 243) acrescenta:

Na crença popular, a crucificação e a natureza messiânica eram absolutamente incompatíveis, mas as palavras de Jesus a Pedro mostram que sua crucificação, simbolizada pelo ministério servil do lava-pés, não era somente seu ato único de salvação, mas exatamente o sinal comprovador do seu caráter messiânico... O lava-pés é uma parábola encenada que aponta para o sacrifício da cruz!

Como Bultmann chamou a atenção, está se falando do Filho de Deus encarnado, Deus na forma de servo. Porque ele é o

Revelador, a presença de Deus – na forma da carne, com a morte como seu destino... Assim, aceitar seu serviço significa acreditar; “*significa disposição para aceitar a desintegração de todos os padrões que o mundo usa para julgar o que é grande e divino*” (BULTMANN, 1971, p. 471).

Agora pode-se olhar para o início da ação e perceber a riqueza de significado que ela pode trazer: Jesus não estava simplesmente tirando o manto e se abaixando para lavar os pés dos seus discípulos, mas estava *tirando a sua glória com o pai e se abaixando para a humilhação e dor da cruz!* (BEASLEY-MURRAY, 1989). O entendimento desses simbolismos é necessário para a compreensão do sentido soteriológico/salvífico visado pelo gesto de Jesus.

A narrativa simbólica do lava-pés prefigura a própria crucificação, e ao fazê-lo aponta o caminho para a interpretação da crucificação. O ato público de Jesus no calvário e seu ato privado na presença dos seus discípulos são iguais no sentido de que cada um é um ato de humildade e serviço, e ambos procedem do amor de Jesus pelos seus (BARRETT, 1958).

Dodd (2003, p. 318) arremata: “O lava-pés, pois, é um ‘sinal’ da encarnação do Filho de Deus, consumada pela sua auto-oblação na morte”. Brown (2020, p. 928) conclui: “A explicação mais simples do lava-pés permanece que Jesus realizou esta tarefa servil para anunciar simbolicamente que ele estava para ser humilhado na morte”.

Analisada como ação parabólica, o lava-pés é uma passagem carregada de significado teológico, pura cristologia e soteriologia! Cullmann (2001, p. 350), um dos grandes exegetas do Novo Testamento, estudioso de cristologia, faz uma afirmação interessante:

As duas concepções, a de “Filho do Homem” [concepção paulina encontrada na passagem de Fp 2.6s] e a de Logos [concepção joanina] se tocam; porém, a ideia de Filho do Homem mostra

mais em que consiste a redenção pelo “homem” Jesus Cristo, enquanto que a de Logos acentua mais a noção de revelação como tal: a própria δόξα (*doxa*) divina...

De fato, desde Bultmann, a função de Jesus destacada no Quarto Evangelho é de Revelador, aquele que revela a glória do Pai, e Cullmann ressalta o que é praxe na erudição acerca do Logos joanino: o Revelador da Glória. Mas na ação parabólica do lava-pés encontra-se o Logos que se fez carne (1.14) Λόγος σὰρξ ἐγένετο (*Logos sarx egeneto*), não apenas mostrando a sua glória, que é a glória do Pai, mas num processo de humilhação ainda maior do que o “fazer-se carne”. Um processo que envolvia se despir de toda a dignidade humana, um processo que o faria não apenas se identificar com os homens, mas com os mais desprezíveis: agora os escravos, amanhã os malfeitores! Temos cristologia em forma de ação parabólica!

78

Mas não apenas isso, esse processo de humilhação tão terrível objetivava a limpeza dos seus: *Se eu não te lavar, não terás parte comigo* (13.8). O processo era necessário para que os seus tivessem seus pecados purificados. Sem essa purificação seria impossível ter herança com Cristo! Desta vez, estamos diante de soteriologia em forma de ação parabólica!

À luz de tal entendimento, seria possível pensar na expressão de Cullmann em termos de equivalência entre a cristologia/soteriologia paulina e joanina: “A ideia de Filho do Homem [paulina] mostra tanto em que consiste a redenção pelo ‘homem’ Jesus Cristo, quanto a de Logos [joanino]”!

De fato, o lava-pés foi mais um *semeion* (sinal) ao qual se refere o evangelista: “Jesus, na verdade, realizou na presença de seus discípulos ainda muitos outros sinais que não estão registrados neste livro. Estes, porém, foram registrados para que possais crer que Jesus é o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.30-31).

2.2 *HYPODEIGMA*, ὑπόδειγμα (EXEMPLO)

Tendo-lhes lavado os pés, tomou o manto, voltou a sentar-se à mesa e perguntou-lhes: Entendeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor, e fazeis bem, pois eu o sou. Se eu, Senhor e Mestre, lavei os vossos pés, também deveis lavar os pés uns dos outros. Pois eu vos dei exemplo, para que também façais o mesmo. Em verdade, em verdade vos digo: O escravo não é maior que seu senhor, nem o mensageiro é maior que aquele que o enviou (Jo 13.12-16).

A interpretação do ato de Jesus agora parece mudar. Nos versos anteriores foi uma ação parabólica, indicativa da ação de Cristo para purificação dos pecados dos seus. Aqui vê-se um *hypodeigma*, ὑπόδειγμα (exemplo).

De fato, encontram-se dois níveis de significado na ação, que não se excluem de forma alguma, pelo contrário, complementam-se:

O reverenciado e exaltado Messias assume a função do servo desprezado para o bem de outros. Isto junto com a noção de purificação, explica porque o episódio do lava-pés pode apontar tão efetivamente para a cruz. Mas o serviço prestado a outros não pode se restringir a esse ato único. Se o evento do lava-pés e da cruz são propiciados pelo incrível amor de Jesus, a comunidade dos purificados que ele está criando deve ser caracterizada pelo mesmo amor e, portanto, pela mesma abnegação no esforço de servir a outros (CARSON, 2007, p. 467).

3. O LAVA-PÉS E A PASSAGEM CRISTOLÓGICA DE FILIPENSES 2.6-11: SÍMBOLO E SIGNIFICADO

Pode-se chamar este texto de passagem cristológica porque, embora muitos exegetas classifiquem-na como um hino, outros questionam se de fato se trata de uma estrutura hínica, por exemplo, Fee (2019). A perícopes afirma o seguinte:

...que, existindo em forma de Deus, não considerou o fato de ser igual a Deus algo a que devesse se apegar, mas, pelo contrário, esvaziou a si mesmo, assumindo a forma de servo e fazendo-se semelhante aos homens. Assim, na forma de homem, humilhou a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso, Deus também o exaltou com soberania e lhe deu o nome que está acima de qualquer outro nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2.6-11).

80

Quando se coloca o lava-pés de João 13 em sua moldura de ação parabólica, a sua interpretação surge naturalmente apontando para a auto-humilhação divina; então, imediatamente ocorrem as identificações com outras passagens neotestamentárias que trazem a mesma ideia. Uma dessas passagens é Filipenses 2.6-11, uma das maiores representantes da cristologia do Novo Testamento.

Muitos estudiosos dos escritos joaninos têm feito conexões entre o lava-pés e a passagem cristológica de Filipenses 2. Dodd (2003, p. 517-518), em sua *Interpretação do Quarto Evangelho*, publicada em 1953, recordou o texto paulino:

Cristo, o eterno Filho do Homem, que desceu do céu para de novo subir, ao qual todo poder é dado (cf. Jo 3.12,35; 6.62), desce ao posto mais humilde de serviço. Recordamo-nos das palavras de Paulo sobre aquele que ἐν μορφῇ Θεοῦ

ὑπάρχων (*en morphei theou yparxon*) assumiu a μορφήν δούλου (*morphen doulou*) (Fl 2.5-8).

Konings (2005, p. 258, 260) classifica o lava-pés de “uma transfiguração às avessas”, pois nele “Jesus depõe a imagem de senhor e assume a forma de servo (Fp 2.7; Jo 13.16)... Assim como o ‘Servo’ (cf. Fp 2.6-11; Is 53), Jesus torna-se escravo ao dar a sua própria vida. É necessário primeiro aceitar isso de Jesus (cf. Jo 13.8)”.

Bruce (1988, p. 240), tanto em seu comentário do Quarto Evangelho quanto no da Carta aos Filipenses, registra a conexão entre os dois textos: “A descrição viva de João ilustra a afirmação de Filipenses 2.6s., de que aquele que subsistia ‘*em forma de Deus*’ assumiu a ‘*forma de servo*’ – com esta atitude manifestou Deus na terra de maneira mais perfeita possível”.

No seu comentário da Epístola aos Filipenses, pode-se ver uma observação muito semelhante: “... *tomou a forma de servo*. Isto não significa que ele mudou a natureza (ou a forma) de Deus pela natureza (ou forma) de um servo: significa que ele revelou a natureza (ou forma) de Deus na natureza (ou forma) de um servo. Uma excelente ilustração desta realidade nos é dada pela narrativa de João 13.3-5...” (BRUCE, 2002, p. 70).

No seu comentário de João, Carson (2007) conecta os dois textos: “Assim ele começou a lavar os pés de seus discípulos”, demonstrando, dessa forma, sua declaração: “eu estou entre vocês como quem serve...”. “Aquele que ‘embora sendo Deus [...]’ esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo’ (Fp 2.6-7). De fato, ele ‘foi obediente até a morte, e morte de cruz!’ (Fp 2.8). O inigualável autoesvaziamento do Filho eterno, da Palavra eterna, alcança seu ápice na cruz” (CARSON, 2007, p. 463).

A tese de Bruce é que um texto ilustra o outro. Quando se coloca a ação parabólica do lava-pés ao lado da passagem cristológica de Filipenses 2.6s, vê-se que sua proposta se configura muito claramente:

Jesus levantou-se da mesa, tirou o manto e, pegou uma toalha, colocou-a em volta da cintura. Em seguida, colocou água em uma bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha que trazia em volta da cintura (Jo 13.4-5).

Schnelle (2011, p. 349), ao comentar a passagem de Filipenses 2.6s, afirma:

Jesus Cristo se despoja de si mesmo para se revestir de um estado de impotência. A partir de então, não é mais o senhorio, mas a impotência e o rebaixamento que qualificam sua nova condição. A encarnação significa renunciar ao seu próprio poder, rebaixar-se e obedecer até a morte. O acréscimo paulino no versículo 9c (a “morte numa cruz”) aguçava o motivo: Jesus Cristo renunciava não somente à sua divindade e à sua vida, mas morre no que é a ignomínia por excelência.

82

O mesmo se percebe nos escritos de outro estudioso de cristologia joanina e paulina: “Ele renunciou ao esplendor perceptível da corte celestial pela vida de um ser humano na Terra, vivendo sua obediência a Deus em auto-humilhação até o ponto da morte peculiarmente vergonhosa pela crucificação, a morte de um escravo” (BAUCKAM, 2009).

A ideia também é trazida por Cerfaux (2003, p. 133-134):

O grande texto cristológico de Filipenses 2.5-11 descobre este movimento do pensamento teológico do Apóstolo. A encarnação significa uma humilhação voluntária que se aprofunda cada vez mais por esses degraus: estado de um servo diante de Deus; obediência do servo até à morte; morte de cruz... A passagem da “forma de Deus” à “forma de servo” é caracterizada pela fórmula *ἐκένωσεν* (*ekenosen*). O verbo aqui significa que Cristo esvaziou-se, empobreceu-se (diríamos: com as mãos vazias) de suas prerrogativas divinas... O Cristo encarnado não é “Senhor”, mas “Servo”.

Parece que Paulo está visualizando o lava-pés e fazendo sua interpretação. De fato, os dois textos se ilustram, e pode-se afirmar que de alguma forma são um ponto de convergência entre a cristologia e a soteriologia paulina e joanina.

Vale ressaltar que, no Quarto Evangelho, Jesus erguido na cruz equivale a sua glorificação (12.32), uma das simbologias joaninas. Embora não esteja se referindo especificamente ao lava-pés, Richard Bauckham, considerando o Evangelho de João como um todo percebe as seguintes interações com Filipenses 2.6-11:

A identidade divina é revelada no paradoxo da morte de Jesus: sua humilhação a qual é na divina realidade sua exaltação, sua vergonha a qual na realidade divina é sua honra. Este é um tipo de intensificação do tema de Fp 2.6-11, onde a identidade divina é revelada na humilhação e exaltação como uma sequência... Em João o paradoxo intensifica: a auto-humilhação de Jesus realmente é sua exaltação por Deus (BAUCKHAM, 2009, p. 49-50).

Essa sequência de humilhação-exaltação encontrada claramente em Filipenses 2.6-11 recebe uma denominação técnica de κατάβασις (*catábasis*) / ἀνάβασις (*anábasis*) ou motivo subida/descida. No Quarto Evangelho, a cristologia κατάβασις / ἀνάβασις chega à expressão definitiva em dois ditos do “filho do homem”: (1) Ninguém subiu (ἀναβέβηκεν) ao céu, senão aquele que de lá desceu (καταβάς), o Filho do homem (3.13); e (2) Como seria, então, se vísseis subir (ἀναβαίνοντα) o Filho do homem para onde primeiramente estava? (6.62) (LONGENECKER, 1970). No lava-pés o motivo de κατάβασις (*katábasis*) é imediatamente identificado por Dodd (2003).

2.3 DO ὙΠΟΔΕΙΓΜΑ *HYPODEIGMA* (EXEMPLO) AO ΣΥΜΜΙΜΗΤΑΙ *SYMMIMĒTAI* (IMITAI)

Assim como no lava-pés a ação parabólica que aponta para a humilhante morte de cruz protagonizada pelo Filho de

Deus, cuja crença é necessária para que os discípulos tenham os seus pecados perdoados, e assim sejam purificados, é seguida por uma exortação para que o ὑπόδειγμα *hypodeigma* (exemplo) de humildade e entrega sejam seguidos. Encontra-se uma estrutura parecida na epístola aos Filipenses:

Se bem que eu poderia até mesmo confiar na carne. Se alguém pensa que pode confiar na carne, muito mais eu; circuncidado no oitavo dia, da descendência de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fui fariseu; quanto ao zelo, persegui à igreja; quanto à justiça que há na lei, eu era irrepreensível.

Mas o que para mim era lucro, passei a considerar perda, por amor de Cristo. Sim, de fato também considero todas as coisas como perda, comparadas com a superioridade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, pelo qual perdi todas essas coisas. Eu as considero como esterco, para que possa ganhar Cristo... pra conhecer Cristo, e o poder da sua ressurreição, e a participação nos seus sofrimentos, identificando-me com ele na sua morte...

Irmãos, Συμμιμηταί (*Symmimētai*) sede meus imitadores... (Fp 3.4-8, 10, 17).

Wright (2009) observa que Filipenses 2.5-11 (a passagem cristológica) possui vínculos firmes e detalhados com muitas partes de Filipenses 3, ou mais ainda, Filipenses 3 baseia-se completamente em Filipenses 2.5-11. Marguerat (2011, p. 287-288) esclarece que, quando se observa com atenção o contexto literário de Filipenses 3, percebe-se que o mesmo ressoa o “hino cristológico” de 2.6-11, construindo um efeito de eco:

Ao despojamento de Cristo, que endossa a condição de servo, responde a desistência de Paulo, que renuncia à justiça garantida pela Lei. A *quenose* cristológica de Filipenses 2 encontra seu correlato antropológico em Filipenses 3. Assim, o Cristo não é apenas apresentado por Filipenses 2 como paradigma de humildade; é instituído como protótipo de um despojamento que se reduplica na condição exemplar de Paulo. Todo

crente é chamado a se reconhecer no despojamento do Cristo: Irmãos, Συμμιμηταί (*Symmimētai*) sede meus imitadores...

Paulo expressa as suas inquestionáveis credenciais judaicas (Fp 3.4-6), e então coloca todos esses privilégios na categoria de ζημίαν (*zēmian*), uma palavra que tem relação com algo basicamente sem valor, algo que é lançado fora, e que os tradutores da King James traduziam, corretamente, como “esterco” (FEE, 2021).

Paulo parece acompanhar o texto joanino: Jesus lavou os pés dos discípulos, uma ação parabólica apontando para a humilhação da sua morte, correspondente ao autoesvaziamento da passagem cristológica de Filipenses 2.6-11, e depois, ao perguntar “Entendeis o que vos fiz?”, os desafiou a seguir o seu exemplo: *Se eu, Senhor e Mestre, lavei os vossos pés, também deveis lavar os pés uns dos outros. Pois eu vos dei o ὑπόδειγμα hypodeigma (exemplo), para que também façais o mesmo.* Jesus é instituído como protótipo de um despojamento (usando as palavras de Marguerat) e todos os discípulos são convocados a seguir! Em João, há o chamado a seguir o ὑπόδειγμα hypodeigma (exemplo), e em Filipenses 3 a convocação a Συμμιμηταί (*Symmimētai*), sermos imitadores!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se levar em conta o seu contexto, e interpretado a partir do gênero literário adequado, o lava-pés se agiganta em termos de ensinamentos teológicos. Cumpre sua função como ação parabólica de proclamar a irrupção do tempo da salvação (JEREMIAS, 1986). Soma-se à imagem óbvia de Jesus como líder-servo a auto-humilhação do Logos que se fez carne. O Logos também se despe da sua glória para assumir a maldição dos condenados dentre os homens. A mais baixa condição humana, possível à época. Eis *o scandalum crucis*! Tal rebaixamento escandaloso não pôde ser aceito por Pedro. Talvez todos os demais pensas-

sem a mesma coisa, mas não tiveram coragem de falar. Pedro o fez como ousado porta voz do grupo de discípulos.

A comparação do lava-pés joanino com a passagem cristológica de Filipenses 2.6-11 traz nítido paralelo. O que se encontra na ação parabólica do lava-pés é descrito por Paulo na passagem cristológica: *“...esvaziou a si mesmo, assumindo a forma de servo e fazendo-se semelhante aos homens. Assim, na forma de homem, humilhou a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz!”*.

No esclarecedor diálogo com Pedro, as palavras de Jesus *“Se eu não te lavar, não terás parte comigo”* (13.8) indicam que o rebaixamento, a humilhação e a vergonha seriam necessários para a purificação e salvação de Pedro, fato resumido nas palavras de Paulo “Morte de cruz”, com todas as implicações contidas nesse evento! A soteriologia paulina e joanina se encontram.

O ὑπόδειγμα *hypodeigma* (exemplo) explicitamente claro no lava-pés não é uma outra interpretação. Trata-se na verdade de uma aplicação na vida da comunidade, do rebaixamento do Salvador, e Paulo usa esse raciocínio ao ecoar a passagem cristológica em Filipenses 3.

As palavras de Fee (2019, p. 211), comentando Filipenses, resumem as passagens que foram colocadas lado ao lado neste artigo: “No autoesvaziamento e autossacrifício de Jesus, que são importantes exatamente porque asseguram a redenção, ele também exemplificou o altruísmo e a humildade. Aqui se tem a mais verdadeira expressão do caráter de Deus, que, por meio de Cristo e do Espírito, está recriando o seu povo”.

REFERÊNCIAS

BARRETT, C. K. **The Gospel According to St John**. London: SPCK, 1958.

BARRETT, C. K. **Essays on John**. Philadelphia: Westminster Press, 1982.

BAUCKAM, Richard. **Jesus and the God of Israel**. Grand Rapids: Eerdmans, 2009.

BEASLEY-MURRAY, George R. **John** (Word Biblical Commentary). Nashville: Thomas Nelson, 1999.

BEASLEY-MURRAY, George R. **John** (Word Biblical Themes). London: Word Publishing, 1989.

BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Loyola, 2016.

BROWN, Raymond E. **Comentário ao Evangelho de João (vol 2)**. Santo André: Paulus/Academia Cristã, 2020.

BRUCE, F. F. **João**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1987.

BRUCE, F. F. **Philippians** (New International Biblical Commentary). Peabody: Hendrickson Publishers, 2002.

BULTMANN, Rudolf. **The Gospel of John**: a commentary. Philadelphia: Westminster Press, 1971.

CARSON, D. A. **O Comentário de João**. São Paulo: Shedd, 2017.

CERFAUX, Lucien. **Cristo na Teologia de Paulo**. São Paulo: Teológica, 2003.

CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Liber, 2001.

DODD, Charles H. **A interpretação do Quarto Evangelho**. São Paulo: Teológica, 2003.

DODD, Charles H. **Historical Tradition in the Fourth Gospel**. Cambridge: Cambridge Press, 1965.

FEE, Gordon D. **Exegese? Para quê?** Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

FEE, Gordon D. **Jesus, o Senhor, segundo o apóstolo Paulo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

GROSSOUW, W. K. A Note on John XIII 1-3. **Novum Testamentum**, [s. l.], v. 8, n. 2/4, p. 124-131, 1966.

JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1986.

KOESTER, Craig R. **Symbolism in the Fourth Gospel**. Minneapolis: Fortress Press, 1995.

KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João, amor e fidelidade**. São Paulo: Loyola, 2005

KUNZ, Claiton André. **As ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos**. Curitiba: AD Santos, 2018.

88

KUNZ, Claiton André. Humilhação e exaltação do Filho de Deus: uma análise interpretativa da ação parabólica de Jesus em João 13. In: GUSSO, Antonio; KUNZ, Claiton André (org.). **Nas entrelinhas do texto bíblico: exercícios de leitura e interpretação**. Curitiba: Núcleo de Publicações da FABAPAR, 2016. p. 23-40.

LEAL, Juan. El simbolismo histórico del iv evangelio. **Estudios Bíblicos**, [s. l.], v. 19, p. 329-348, 1960.

LINDARS, Barnabas. **The Gospel of John** (The New Century Bible Commentary). Grand Rapids: Eerdmans, 1981.

LONGENECKER, Richard N. **The Christology of Early Jewish Christianity**. Naperville: Alec R. Allenson, 1970.

MARGUERAT, Daniel. Paulo e a Lei: a reviravolta (Filipenses 3.2-4.1). In: DETTWILER, Andreas e outros (org.). **Paulo, uma Teologia em construção**. São Paulo: Loyola, 2011.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 1989.

MOLONEY, Francis J. **The Gospel of John (Sacra Pagina vol 4)**. Collegeville: Liturgical Press, 1998.

SCHNEIDERS, Sandra M. The Foot Washing (John 13:1-20): An Experiment in Hermeneutics. **The Catholic Biblical Quarterly**, [s. l.], v. 43, p. 76-92, 1981.

SCHNELLE, Udo. O presente da salvação, centro do pensamento paulino. *In*: DETTWILER, Andreas *et al.* (org.). **Paulo, uma Teologia em construção**. São Paulo: Loyola, 2011. p. 337-362.

VANHOOZER, Kevin. **Há um significado neste texto?** São Paulo: Vida, 2010.

VAWTER, Bruce. The Gospel According to Johh. *In*: BROWN, Raymond E. *et al.* (ed.). **The Jerome Biblical Commentary, vol. II**. London: Geoffrey Chapman, 1978. p. 414-466.

WRIGHT, N. T. **Paulo: novas perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2009.